

José Carlos de Paiva

Director da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Investigador ID_CAI/i2ADS



jcPaiva, Bolonha, 2018

A partilha intercultural como experiência significativa:

como ela nos permite repensar o que fazemos e a história de vida de cada um



jcPaiva, Bolonha, 2018

Este texto resulta da tradução para o modo de escrita de uma comunicação oral realizada com apoio num conjunto de imagens projectadas que não se integram nesta publicação. A escrita, como a comunicação, apresenta inicialmente os agradecimentos à organização do 2º CIAMI pelo convite e um agradecimento pela atenção dos presentes. O que foi a apresentação feita na voz cansada que saiu do meu corpo cansado, marcado por muitos anos de vida jovem, intensa e inquieta traduz-se agora para o uso do português que frequento em Portugal.

A escrita, como a comunicação organiza-se em volta de três histórias verdadeiras, que contei, de dois apontamentos de reflexão, entre as histórias, finalizando com pensamentos cruzados.

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos, ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras.
Larrosa, Jorge (2014).

primeira história . **O amanhã na ilha do Fogo**



jcPaiva, Chã das Caldeiras, 2018

Usei na comunicação um texto que escrevi, durante a viagem que neste passado mês de outubro fiz a Cabo Verde, à Ilha do Fogo. Cabo Verde é um pequeno país no meio do Oceano Atlântico, constituído por 10 pequenas ilhas, situadas entre o Brasil e a costa africana do Senegal. Desde o Século XV, pela descoberta e povoação destas ilhas despovoadas, foi uma colónia portuguesa. A luta pela libertação pela dependência colonial de Portugal travada principalmente nas matas da Guiné Bissau, permitiu a sua independência como país desde 1975. É portanto um País novo, com apenas pouco mais de 40 anos.

Nesta recente viagem rumei à ilha do Fogo e ao alto de Chã das Caldeiras, sítio situado a cerca de 2 mil metros de altitude, onde estive com as povoações das 'Caldeiras' formada pela consolidação das cratera do grande vulcão de 1675 que causou então a emigração em massa da ilha

Eu já tinha estado em Chã das Caldeiras, em 2004, convivendo então com o esforço da população para sobreviver, num território onde o vulcão de tempos a tempos tudo destrói. As mais recentes erupções datam de 1951, de 1995 e recentemente 2014. A população de Chã das Caldeiras sabe viver neste lugar tão insólito, combatendo a escassez de recursos e lutando pela vida.

No dia 23 de Novembro de 2014, assisti pela televisão e pela internet, ao início de mais uma devastadora erupção que se prolongou até ao fim no dia 8 de Fevereiro de 2015. 77 dias de autêntico terror e de grande amargura.

O dono da casa onde dormi, Senhor Adriano, contou-me que durante a erupção foi, com a sua família acompanhando o avanço das lavas incandescentes e que apenas se afastaram quando a casa estava a ser invadida e a temperatura era insuportável. Quando se afastaram, levando os pertences que podiam transportar, pararam num alto contemplando a catástrofe. Contou-me que ele e sua esposa, não conseguiram entre si dizer uma só palavra, apenas o choro e as lágrimas mostravam sua tristeza.

Recentemente, em outubro deste ano de 2018, já se tinham passado 4 anos desde essa

calamidade, e o que me disse o hospitaleiro dono da casa onde dormi, é que voltaram assim que foi possível, ainda com o chão quente, limpavam como puderam a casa das lavas arrefecidas, e começaram a construir a sua nova casa. Tudo recomeçava para a família, que sorrindo pelo optimismo de estar a dar novo sentido a sua vida, me mostrava a paisagem onde dominava a catástrofe e a desolação era avassaladora e o cenário mostrava uma vastidão de rocha recente que inundou tudo o que lá havia. .

Esta viagem que fiz me permitiu partilhar o esforço dessa comunidade de Chá das Caldeiras, para retomar a sua vida, interrompida mais uma vez em 2014, por uma nova erupção do vulcão, que submergiu por lava incandescente as suas casas, os pastos dos seus animais e a terra.

É preciso muita coragem para
assumir o medo.
Não é para gabar-me mas
tenho medo à farta.
Tenho até uma grande geleira
repleta
daquele medo definitivo em
cubos límpidos
que é o medo de perder o
medo algum dia.

21/1/77, DIAS, João Pedro Grabato. (1976/79). SAGAPRESS, Edições

A história de resiliência desta população às investidas do fogo do vulcão que invade as suas terras, as suas casas, as suas escolas, a sua vida, é um exemplo impressionante para todos nós. Para todos nós que tanto precisamos entender, como as tempestades deste tempo conturbado que estamos vivendo, podem ter resposta, e que por mais dura e lenta que seja a resistência necessária, há sempre tempo para mudar e obter melhores condições de vida e de dignidade. Ainda estava viva a memória da tragédia de 1951, quando o vulcão interrompeu as vidas da população que habita na Caldeira. Muitas dessas pessoas ainda estão vivas, são mais velhas, recordam esses momentos e transportam essas memórias, moldam a sua identidade como de resistência permanente.

Durante as erupções, a população com sua sabedoria e sua tristeza contida, soube se afastar, aguardar que a temperatura baixasse e permitisse voltar, para depois regressar ao seu lugar, reconstruindo as suas casas, tratar da agricultura que aquela terra inundada pela lava ainda oferece. Agora, lá, em Chã das Caldeiras, organizam-se novos tempos, retoma-se a vida, reconstroem-se as escolas, cultiva-se de novo a utopia. A Rabeca volta a colocar no ar o doce canto da *morna*. O vinho artesanal feito em cada casa ,ou na Cooperativa, volta a dar aroma à vida.

Para esta comunidade, o infortúnio, a calamidade não as faz abandonar o seu território, ela aprendeu com o tempo a lidar com o vulcão, a quem chamam de PAI, e reclamam sempre que aquele é o seu pedaço de chão..

Apenas trago, com esta história, uma imagem frágil da dimensão de tragédia que o vulcão provocou. É imensa a lição que se pode aprender com a teimosia desta gente, que não esmorece nas suas lutas, mesmo contra as pressões do Governo para abandonar o seu chão.

Através da sua teimosia, da sua união esclarecida, a gente de Chá das Caldeiras permanece no seu território, lutando contra o infortúnio e exigindo melhores condições de vida.

Quem te ensinou? Ninguém!

Título de uma exposição (2017) na FBAUP, a partir do trabalho educativo da Professora Elvira Leite



jcPaiva, Chã das Caldeiras, 2018

Muito aprendo com a população de Chá das Caldeiras a não desanimar com o imprevisto, o indesejável, o acontecimento indesejável. Todos podemos aprender a não enfraquecer perante os acontecimentos adversos, a entender a necessidade de procurar, em cada momento, encontrar as forças, os aliados, a clareza para enfrentar a *besta*, tenha ela a forma de vulcão ou do que tiver, tenha o sentido que tiver.

Não que se espere em João Pessoa algum vulcão, mas quem sabe este exemplo de vida, nos permite entender melhor o valor da resistência, da persistência, e a importância da educação desobediente. A este conceito, da educação desobediente, voltarei mais à frente.

Apesar de você, amanhã há-de ser outro dia (...)
Chico Buarque de Holanda'



Alfredo Rizutti/Estadão 1974

Nesta história verdadeira, entende-se porque todos precisamos de um amanhã.



jcPaiva, Conceição das Crioulas, 2005

Primeiro momento de reflexão . **O amanhã desenha-se**

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

Manoel de Barros
Retrato do artista quando coisa

Mudo agora de tonalidade e permito-me *falar* de desenho. Não por ser um assunto da minha especialidade, mas porque pode ajudar a me fazer entender e a melhor apresentar as ideias que tenho para oferecer. Porque o desenho se constitui como um corpo relevante na Educação Artística e na Arte.

Com meus professores aprendi a distinguir bem cedo o que é a 'aprendizagem do Desenho' e o que o Desenho permite aprender. Nesta distinção entre o processo de aprendizagem do Desenho por um lado, e por outro, o Desenho como um processo de aprendizagem de si e para fora de si, reside a ideia que apresento.

O meu centro de atenção está na possibilidade de se permitir aos alunos e às alunas, na aprendizagem do Desenho, o desenvolvimento do seu corpo, e das suas capacidades performativas, do seu entendimento do mundo, da intensidade que pode estabelecer com o comum a que pertencem.

Desenhar é, primeiramente, ver com os olhos, observar, descobrir, desenhar é aprender a ver, a ver nascer, crescer, expandir-se, morrer (...) Desenhar é, também inventar e criar. O Desenho permite transmitir integralmente o pensamento, sem o apoio de explicações escritas ou verbais. Ajuda o pensamento a tomar corpo, a desenvolver-se. (...) O desenho pode prescindir da arte. Pode não ter nada haver com ela. A arte, pelo contrário, não pode expressar-se sem o desenho. Le Corbusier, Escritos, in Molina (2013).

Como hoje sabemos aquilo que os nossos olhos captam é transformado em impulsos electrónicos que são emitidos para o nosso cérebro, onde são tornados legíveis a partir das nossas memórias, dos conhecimentos adquiridos e de nossa sensibilidade construída.

O nosso cérebro não vê as imagens mas apenas as interpreta de modo singular em cada um de nós. Nenhuma 'máquina de desenho' altera o modo singular como cada um de nós entende o que vê.

Mário Bismarck, é o professor catedrático de Desenho na minha Faculdade, em 2015. No V Encontro Nacional da APROGED , contou o seguinte episódio:

No Verão passado, no templo de Philae, em Assuão, no Egipto onde, estando eu rabiscando num pequeno bloco de desenho, um polícia (que não falava inglês) veio ter comigo, e autoritariamente me gesticulou que não podia desenhar. Espantado, por gestos perguntei-lhe se podia fotografar a que ele acenou afirmativamente. Perguntei-lhe ainda se podia filmar e a resposta foi idêntica. Como confirmação perguntei-lhe se não podia desenhar e ele confirmou-me: não podia!

Grande homem este que tão bem conhece a distinção entre perceber o mundo através do desenho e “percebê-lo” através da fotografia! Excelente professor de desenho! Esqueci-me de lhe perguntar se podia pintar mas presumo que a resposta fosse sim

Porque não podia desenhar?

Mário Bismarck

Neste episódio contado por Mário Bismarck torna-se evidente que no acto de desenhar está implícito um tempo de entendimento, de construção de conhecimento e não apenas de um exercício de elaboração de uma representação do 'que se vê'.

Entenda-se então o exercício do desenhar, não como um modo de obter um resultado e de o valorizar, nem de produção de uma 'obra de arte', mas de um tempo, lento e preciso, de um processo íntimo de entendimento, de uma aprendizagem. Este entendimento afasta-nos da rotina naturalizada de se entender o Desenho como a produção de um objecto e de negar o seu valor como um meio, como um processo de aprendizagem singular e pessoal.

Esta questão não é nada simples se a deslocarmos para o terreno da Educação Artística, onde se estabeleceu um entendimento conservador de que a missão dos professores é ensinar os alunos a desenhar e a produzir produtos finais, contrariando e barrando as aprendizagens que o o desenhar permite.

É esta ideia que pretendo rebater. Lembrar de como se esquece que através do tempo de desenhar se possibilita aos alunos um tempo de intimidade e reflexão, um tempo de aprendizagem, em primeiro lugar de si, e do que os rodeia.

Se entendermos a escola como um espaço de ordenação, um tempo onde os alunos têm de aprender o que se considera imprescindível e não questionável, na maioria das vezes com um

propósito dissimulado de se transformarem os alunos e as alunas, em boa gente, dócil e ordeira, trabalhadores conformados, eleitores alienados pelos 'meios sociais de comunicação', então, o Desenho é mais uma disciplina que a alquimia disciplinar transformou em mera disciplina escolar. Uma pausa, proponho. Permitam-me que apresente uma imagem simplificada de se entender o desenho.

Um entendimento esquematizado do Desenho relaciona-o com a possibilidade dele representar de modo rigoroso uma realidade visual. Trata-se do campo do Desenho Geométrico, da Geometria, dos Sistemas de Representação, modelos de rigor de representação que podem ser ensinados e aprendidos e permitem a quem os lê, entender o que significam. A **linha** tem esse rigor de representação. Marca, separa, define.

Mas, por outro lado, o Desenho, mesmo quando persegue e representação, instala um terreno de ambiguidade, de personalização do como foi feito e por quem. É uma outra realidade, e resulta do tempo que durou a sua realização, do que se passou no corpo do desenhador, do que este entendeu, de si e do modo como foi feito. A **mancha**, o difuso, o indefinido é o campo da sua linguagem. Neste campo, mesmo a linha, desempenha um lugar personalizado de ambiguidade. Neste modo simplificado de colocar a questão, porque consideramos que a aprendizagem do desenho pode ter procedimentos educativos semelhantes a qualquer outra disciplina, onde aos alunos é exigido um resultado, um produto que tem de ser classificado numa grelha de padrões pré-estabelecidos.



Lúisa Magalhães, Porto, 2016

E porque não se interroga o que na educação artística a aprendizagem que ao aluno deve ser possibilitada e estimulada deveria ser, na essência, a construção de si, a partir de si. E porque não se questionam os métodos de avaliação usuais.

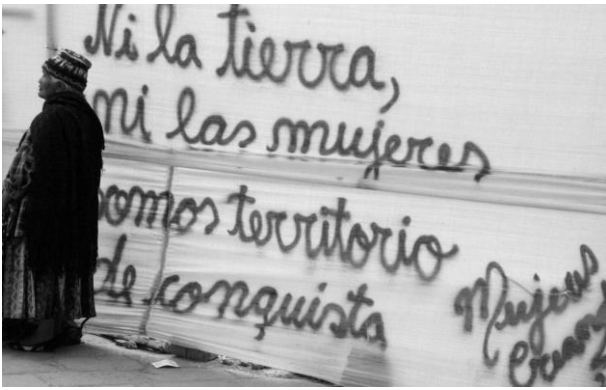
Porque é que os alunos e as alunas são classificados e acarinhados pelo modo como incorporam as respostas desejáveis, como são enlevados na necessidade de agradar aos professores, só apresentam os 'bons desenhos', apenas mostram como se estabeleceu um comportamento autogovernado pelos contextos hegemónicos que o envolveram.

Chega de desenhos estereotipados, os mesmos de sempre, cópias de outros desenhos, representações simplificadas das 'imagens mentais' construídas. Porque não apreciamos e valorizamos o modo como os alunos através do Desenho, podem construir uma consciência de si

e do que os rodeia?

Apesar de você, amanhã há-de ser outro dia
(...)
Chico Buarque de Holanda´

Também aqui, na aprendizagem do Desenho, podemos inibir o futuro das nossas alunas e dos alunos, ou possibilitar para cada um deles um novo amanhã.



acción callejera de mujeres creando , Bolívia

segunda história . **A narrativa de vida de cada um de nós**

(...) o conhecimento supremo é o que chega tarde de mais, quando já não serve.
AGAMBEN, Giorgio (2009)

Assisti recentemente a uma conferência em Portugal, de um escritor que agora se diz da minha cidade, do Porto, embora tenha nascido nos Estados Unidos da América, chamado Richard Zimler. O que ele fez, nessa conferência universitária, foi contar uma história retirada de sua vida e de como essa história tanto lhe ensinou.

Vou correr o risco de a recordar aqui, mesmo sem a sua autorização e sem a sua mestria de contador.

Na sua vida de estudante universitário, Richard, teve de viver numa residência para estudantes numa universidade americana, onde conheceu um casal, um pouco mais velho, e responsável pelo que lá acontecia. Para ela inventou o nome de Anna e para ele de Don.

Já no seu primeiro ano de estudo jantou várias vezes com o casal, na casa deles, e foi mantendo durante 5 anos uma boa amizade com o casal, que tinha entre si um bom relacionamento..

Com este casal Richard fez uma prolongada amizade. Amizade e apreço que se prolongou bem depois de sua graduação e da sua mudança para outro Estado Americano.

Mesmo depois do afastamento mantiveram contacto e nessas conversas a senhora Anna foi confidenciando a sua insatisfação com o seu casamento. Tanto por ela querer ter filhos e Don não querer, como por estar considerando que ele tinha deixado de sentir atração física por ela.

Um dia, passados uns anos, Anna visitou-o em Nova York, cidade onde Richard vivia e era professor. Passearam longamente e conversaram longamente, em particular sobre a infelicidade que Anna manifestava no meio de choros frequentes. Depois dessa conversa, Anna voltou para casa e anunciou ao marido que se queria divorciar.

Pouco depois da separação o nosso escritor, Richard Zimler, a quem roubei a história, conversou pelo telefone com o senhor divorciado. Don estava triste e não compreendia a razão do divórcio. Estava perdido.

Contou Don que tinha conhecido a Anna, filha de emigrante italiano como ele, numa universidade onde estudavam e se tinham apaixonado. Passearam longamente juntos e estabeleceram um

relacionamento, sendo bem acolhidos pelos pais. Mudam-se para outro Estado, mais tarde, ele para cursar doutorado e ela mestrado. Voltam depois para a sua cidade, criam um negócio juntos e viajam juntos, pela Costa Rica, e depois de aprenderem italiano visitam a Itália. Tudo maravilhoso. Até que um dia Anna anunciou que já não o amava. Reclama ela que o casamento tinha sido uma mentira. E daí o divórcio.



Elliott ERWITT, Madrid, 1995 [Maja vestida/ Maja Despida]

Richard Zimler conta esta história não como uma história banal, como algo que o marcou profundamente, e confesso que sua narrativa me marcou também. Como uma revelação, Richard apercebe-se que as narrativas que cada um faz de suas vidas são frágeis e contadas na terceira pessoa. É essa mensagem que quero transportar para aqui. O modo como nos convencemos a nós próprios de que o que dizemos sobre nós é objectivo. A capacidade que temos para retocar a nossa própria história, na nossa cabeça ou em voz alta.

Para as pessoas que continuam sem ter consciência da sua vida interior — que não estão em contacto com as suas emoções, as suas motivações e os seus verdadeiros desejos — a história que contam será uma série de clichés superficiais.
Richard ZIMLER

Na história que trouxe, roubada de Richard Zimler, a narrativa de Don, a sua autobiografia, permite-nos estar atentos ao modo inconsciente como nos entendemos e como contamos a nossa história. E disso só tomaremos consciência perante factos marcantes que nos obrigam a repensar o que costumámos dizer do que nos aconteceu.

Na história de Anna e de Don, a história que cada um construiu da sua vida em conjunto é discordante em muitos aspectos importantes. A verdade é que ele nunca considerou ter havido nenhuma discussão, nem reconhece a sua recusa em ter filhos, nem a possibilidade de ter deixado de achar a Anna atraente. Tantas e tão importantes omissões. A narrativa de Don não correspondia à autenticidade de sua vida. De certo modo a narrativa de sua vida era uma fraude.

A pessoa que conta a sua história será sempre um herói. No fundo, todas as pessoas gostam de se ver como sendo boas, amáveis e afectuosas. Nunca querem reconhecer as

suas falhas. E quando as coisas correm mal a culpa é do outro. Somos sempre incompreendidos.

Nesta história perturba-me o que ela revela da dificuldade que temos todos, a incapacidade que tenho, para parar e reflectir sobre as minhas motivações e meus desejos, as minhas falhas, a minha incompletude e as minhas fragilidades.

Porque Don se sentiu desorientado e surpreendido perante a atitude de Anna? Não seria porque não contava bem a sua própria história? A história que Anna contava de si e do casal era completamente diferente, embora fosse da mesma vida em comum.

É por isso que a aprendizagem de nós próprios tem de ser importante, para nos confrontarmos com realidades outras que abalam a nossa própria história, que nos fazem ser verdadeiros perante nós próprios.

Por isso precisamos de nos deslocar para fora de nós, de sair do conforto que construímos.

A este conceito - de deslocação - voltarei mais tarde, porque apenas com uma sinceridade assumida perante nós próprios, poderemos nos preparar para o que poderá ser o amanhã.

Apesar de você, amanhã há-de ser outro dia
(...)
Chico Buarque de Holanda´



Nekshan_Daboo..I am an artist and_ his is art - 2009

Segundo momento de reflexão . **Sobre a complexidade da arte e do amanhã**

“(…) la creación de una hegemonía y ver por qué los artistas pueden desempeñar un papel importante en la subversión de la hegemonía dominante. En nuestras posdemocracias, en las que celebra un consenso pospolítico como gran avance para la democracia, las prácticas artísticas críticas pueden desbaratar la imagen agradable que el capitalismo de las grandes empresas está intentando difundir, al situar en primer plano su carácter represivo, y también pueden contribuir, de muy diversas formas, a la construcción de nuevas subjetividades. Esa es la razón por la que las considero una dimensión decisiva del proyecto democrático radical.”
MOUFFE, Chantall (2007)

Apresento agora o segundo momento de reflexão, tentando criar um corpo para a minha escrita. Vou me centrar na arte, entendida como um campo de complexidade, e tentando evitar a repetição de vulgaridades.

Minha vida me levou para o campo das artes plásticas, onde moram as minhas actividades académicas e a minha actividade artística. Doutorado em Pintura, sou agora professor de educação artística e é a partir do que sou que a escrita é conduzida.

Enfrento no dia-a dia a interrogação sobre o modo como a arte e a poesia, e também as escolas, podem ser um campo de ‘desassossego’, porque não entendo outro modo de olhar para a arte, nem para a educação.

No panorama das artes plásticas, com facilidade se pode reconhecer o aprisionamento da arte pelo poder e como na sua história, a maioria das vezes esteve ao lado dos favorecidos. Em cada época se pode verificar o aproveitamento da arte na propaganda e no apoio aos sistemas de poder, sejam eles mal identificados, como nos primórdios da humanidade, seja, como durante o percurso da história, da realza ou da igreja, seja dos senhores e da nobreza, da aristocracia e da burguesia, dos governos ou dos poderosos. Este breve olhar histórico não esquece a presença artística insubmissa e irreverente, de oposição à história oficial. E reconhece a participação da arte nas transformações ocorridas na sociedade e na presença crítica ao que foi ocorrendo. A arte, no seu sentido transformador do modo de se entender o que existe, deveria ser sempre insubmissão, mas o sistema em que vivemos é ágil em oferecer aplausos e cortesias a quem se quer

acomodar e apenas procurar o estrelato pessoal e os bons rendimentos que a arte possibilita.

Toni Morrison, é uma escritora, editora e professora estadunidense. Na sua bela intervenção aquando da atribuição do Prémio Nobel em Literatura, em 1993, afirmou que

““(…) la creación de una hegemonía y ver por qué los artistas pueden desempeñar un papel importante en la subversión de la hegemonía dominante. En nuestras posdemocracias, en las que celebra un consenso pospolítico como gran avance para la democracia, las practicas artísticas críticas pueden desbaratar la imagen agradable que el capitalismo de las grandes empresas está intentando difundir, al situar en primer plano su carácter represivo, y también pueden contribuir, de muy diversas formas, a la construcción de nuevas subjectividades. Esa es la razón por la que las considero una dimensión decisiva del proyecto democrático radical.”

Na Europa, e também de certo modo no Brasil, o Modernismo instalou no início do século XX, o primado da genialidade do artista e da sua mestria oficinal e, principalmente, o primado da novidade, de um saber fazer solto da representação do visível e criador de novas realidades visuais. Os produtos artísticos transformados em objectos originou novas relações de mercado, onde o sistema capitalista em exercício rapidamente estabeleceu as regras e o seu controle.

Nesse contexto que o modernismo instalou, a valorização dos elementos constitutivos da imagem, da sua gramática, remetem para a singularidade de cada autor e para a sua inovadora mestria, apresentada na inovação mundana do seu pensar e na expressão do seu ser. A assinatura do artista e o entendimento da obra como objecto passam a constituir o seu valor, já não tanto como representação imagética, mas como de um valor, num mercado que se institui e que, em si, congrega o lugar de ostentação social que a propriedade da obra e a exposição permitem e consagram.

A forma, a composição, o ritmo, a expressão, o 'estado-de-alma' do autor, a interioridade do artista e o simbolismo onírico, a liberdade do ato criativo, assumem uma dimensão transbordante que marca ainda o presente, em particular pelo modo como inunda a educação artística e o gosto comum.

A aposta de muitos autores em percursos irreverentes, não ganhou nunca a dimensão transformadora e de irreverência sensorial anunciadas, perante uma sociedade que se desenvolve movida e determinada pela força dos interesses económicos e financeiros que preferem a arte transformada em mercadoria e o seu sentido em vaidade social.

Na Europa, passado o Holocausto e perante as mudanças que o pós-guerra e a sombra de 'Hiroshima' estabeleceram, a ganância do mundo financeiro foi ganhando o domínio sobre as instituições culturais e os meios de comunicação. Foram tempos de encruzilhada, também eles geradores de novas transformações no entendimento da arte perante si própria, de consciência da crise esquizofrénica que incorpora.

Os poderes públicos aliados aos interesses privados passaram a promover e a controlar a arte, o seu mercado a confundir-se com o mundo da especulação financeira e da lavagem de dinheiros. Os eventos artísticos e as instituições (museus, fundações, mecenas, colecionadores, ...) através do monopólio de práticas espectaculares de legitimação e exclusão, convertem a arte que se consagra em acção inócua, correspondente a actos de remissão dos malefícios provocados pelo exercício frio de um sistema social emanado dos interesses financeiros globalizados.

Naturalmente, num outro sentido, as práticas artísticas agonísticas, críticas do 'estado insensível do mundo, de envolvimento com as lutas de cumplicidade com os desprotegidos e os mais fragilizados, podem acentuar o seu poder de intervenção e de interferência de enfrentamento com o exercício hegemónico.

Haja quem não se esconda numa procura romântica da felicidade, ou da promoção de um sublime que se ofereça pelo olhar, mas que assuma a sua inscrição no político, assumindo suas acções como de prática política contingente na procura da possibilidade de construção de uma outra hegemonia, de um outro amanhã.

O século XX alimentou o sonho de uma felicidade possível e de um amanhã sorridente, perante os efeitos provocados num mundo que se nos apresenta crivado de injustiças, de discriminação, de desigualdades, de desesperança.

É tempo de enfrentar os artifícios que se nos apresentam, os desejos que nos são oferecidos pelos dispositivos múltiplos que nos invadem, é tempo de encarar a inscrição da arte no político, e o político intrínseco de nossas vidas.

A arte, endeusada por interesses diversos, tem de ser encarada como exercício de vida, no jogo agonístico e antagónico que comporta e apresenta, entendendo a atracção que o poder financeiro e político sobre ela exercem, enevoando a insubmissão que ela pode difundir, remetendo aos sujeitos as suas possibilidades de promoverem o devir.

Como se pode entender, do que escrevo, resulta a um apelo para que a Arte possa ser entendida como um espaço e um tempo de possibilidade de um 'aberto' amanhã.

Apesar de você, amanhã há-de ser outro dia
(...)
Chico Buarque de Holanda'



jcPaiva, Planalto Norte, 2015

terceira história . **Inventividade no Planalto Norte, Cabo Verde**

(...) arte, pesquisa e ensino não são feitos, mas vividos.
FREIRE, Paulo (1996)

O meu campo de investigação, de acção artística e educativa, me levou para terrenos de aprendizagem rica, onde estudantes, artistas, professores, investigadores, e a população se tornaram cúmplices das suas vidas e de suas lutas.

Essa acção intercultural não trata a arte e o saber como algo que se leva de fora para as comunidades, mas da estruturação de um espaço de aprendizagem partilhado com as populações, onde o confronto dos seus problemas com os artistas assume um modo próprio de abordagem inventiva, irrequieta, insatisfeita, e gera outros campos de possibilidade de resolução dos problemas detectados.

Volto a Cabo Verde, embora agora conte uma história passada na Ilha de Santo Antão. Santo Antão é uma das maiores ilhas do arquipélago e onde se produz grande parte dos produtos agrícolas consumidos no País, embora numa boa parte da ilha a terra seja seca e árida.

Para uma das acções que me envolveram com a actividade educativa realizada em Cabo Verde pela MINDELO_Escola Internacional de Arte, onde também sou professor, viajei com um grupo de estudantes e outros professores para o Planalto Norte, na Ilha de Santo Antão. Trata-se de uma pequena comunidade de pastores que vive na parte alta da ilha e que persistem em viver neste inóspito lugar em condições de vida desafiadoras pela ausência de água e poucas condições.

Adultos, crianças e burros, 3 horas de caminho esforçado pela montanha acima e abaixo, para ir buscar um bidão de 25 litros de água em cada burro, de uma nascente débil. Esta lida diária revela o esforço e a importância que a água tem nesta comunidade, onde o número de cabras existente está condicionado ao número existente de burros que transportam a água necessária às necessidades das famílias, estabelecendo uma relação

com as cabras que podem ser mantidas, o que constituiu um elo inquebrável. O problema da água, questão primordial da vida no Planalto Norte, mobilizou debates entre toda a população, participados por investigadores, estudantes e professores, onde se misturam os saberes tradicionais com o pensamento inventivo, na procura de formas endógenas e sustentáveis de se enfrentar o problema. Estudou-se a geografia e o conhecimento do terreno, estudando os leitos de água, os hábitos de escoamento da água das chuvas, as condições de declive, procuraram-se soluções de materiais existentes, desenho de volumetrias e coberturas, modos de fabrico, definiram-se soluções. Lentamente, pela população, foram construídas as consideradas parte forte da solução local, cisternas de aproveitamento da água das chuvas, recorrendo-se a tecnologias ancestrais de construção de abobadilhas, desenhadas pelos estudantes na aula de Geometria acompanhadas dos saberes dos mestres locais. Para a construção foi usada a pozolana (material abundante na região e adequado tecnicamente pelas suas propriedades de resistência e de isolamento) e outros processos de construção com poupança de água, de cimento e de materiais. Pastores e estudantes foram pedreiros, tendo todos participado, de um modo ou de outro.



jcPaiva, Planalto Norte, 2015

A solução encontrada possibilita agora, em anos de chuva, o armazenamento de 42 toneladas de água, que fornecem água para um terço de todos os produtores da comunidade durante um ano. Este é apenas um exemplo entre outros, nesta comunidade, onde se poderia evocar a procura de modos de produção alternativa de energia, ou a aprendizagem de modos de cura do saboroso queijo de cabra, e ainda a criação de uma Cooperativa de Consumo 'A Voz da Resistência'.

O que pretendi apresentar, não foi propriamente a exemplaridade desta entrega popular à resolução de seus problemas, mas sim o campo de possibilidades que os professores/artistas/investigadores, no território árido destas comunidades evidenciam, da irradiação educativa e das aprendizagens que partilham, através da presença real do seu

pensamento divergente, crítico e especulativo sobre a diversidade de soluções e de procedimentos do fazer e da qualidade diversa do que pode acontecer.

A criação do M_EIA, em Cabo Verde, e do 'ID_CAI' na Universidade do Porto estabeleceram um laboratório, de experiência, de ação e de investigação.

Laboratório aberto para fora de si, mergulhando no local e no contemporâneo, implicado na resistência e luta das comunidades, na sua resiliência e atitude cultural transformadora.

Foi assim que foi possível fundar uma escola superior de arte, num país carente e emergente, que não persegue os trilhos fundadores do mundo ocidental, completamente vinculada ao tempo comprimido e aos espaços que ocupa, organizada de modo flexível e não burocratizado, estímulo à construção dos sujeitos que gradua, de seus professores e que irradia esses valores da democracia participativa.

Apenas um exemplo trouxe de como há, mesmo em situações adversas, há uma possibilidade de amanhã poder outro dia.

Apesar de você, amanhã há-de ser outro dia
(...)
Chico Buarque de Holanda´



"Campo de Color" by Sonia Falcone, Biennale di Venezia

pensamentos cruzados . **Haverá sempre um amanhã**

"Sabe, eu achava que era preta, que não ia ter amizade com ninguém... Eu tinha uma coisa comigo, eu tinha vergonha da cor, porque era preta ... muitas vezes, aconteceu de eu sentir assim na pele que as pessoas desfaziam da cor ... eu tinha medo, eu não era de fazer amizade de jeito nenhum, eu era igual a um bicho do mato. Então, eu conheci este pessoal, sabe eu senti que eles faziam muita conta de mim, eles davam muita atenção, então foi aonde eu passei a me sentir como gente." (Cida, Mulher, 'bóia-fria', negra)
Silva, Maria Aparecida de Moraes (1999)

Sei que terei de me parar, e por isso vou fechar esta apresentação com um conjunto de pensamentos cruzados, tentando criar uma rede, uma teia que possa dar algum sentido ao que preparei para apresentar este momento.

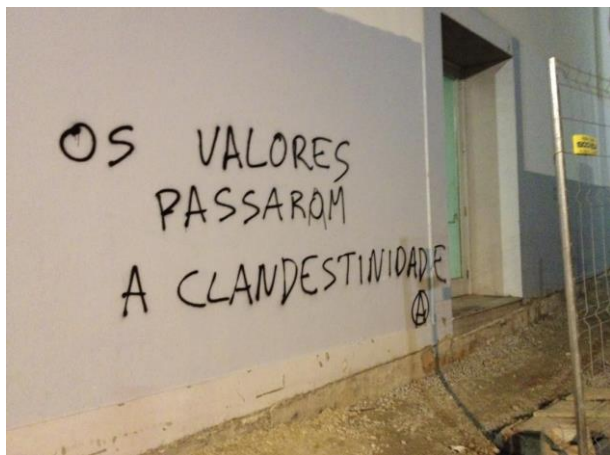
Já vivi muitos anos de jovem, e nesta caminhada fui entendendo como a esperança na construção de um mundo sem desigualdades e sem ganância, percorre caminhos emaranhados. E como as encruzilhadas que se apresentam exigem muita serenidade, muita determinação e muita luta, muita união, muita troca de abraços e de construção de um forte cordão, dos mais frágeis, dos mais discriminados, dos que se opõem ao estado deste mundo.

Nos tempos escuros
Haverá também canções?
Sim, haverá também canções
Sobre os tempos escuros.
Bertold Brecht

Apelo para a necessidade de serenidade e de inteligência, para se compreender este mundo esquizofrênico em que vivemos. Apelo que parte de quem dedica a sua acção de professor e de artista, à pesquisa de um entendimento que ultrapasse os próprios limites, que alargue os meus conhecimentos e crie laços de cumplicidade com o que faço. Conheço as minhas fragilidades, sei da incompletude do que sou, reconheço que grande parte do que sou resulta do que este mundo me tornou. Por isso sei que preciso de me deslocar de mim, abandonar as amarras que me congelam o pensamento, sair do

conforto que me sossega, aprender em outros mundos, ouvir outras vozes, sentir o abraço sincero dos que procuram o comum.

Por isso não proclamo as minhas ideias, apenas as partilho no conforto de saber de suas incertezas, procurando não exercer o poder que me foi consentido, suspendendo essa motivação para um estado de desassossego, de desobediência.



Arsélio Martins, Aveiro, 2013

O terreno da interculturalidade, em recusa plena de intenções evangelizadoras, de intuítos culturais colonizadores, situa-se no terreno demorado da escuta, da lenta aprendizagem partilhada, na cumplicidade perante o que se pode apresentar como de procura de um devir comum. É preciso demorar a pensar o tempo que demorar.

No momento que vivemos, em demasiados países e em vários continentes, vemos chegar ao poder aquilo que era absolutamente inimaginável há umas décadas, assiste-se à derrocada da democracia, à impunidade dos políticos conluiados com a alta finança sem o esconderem sequer, à escalada feroz do neo-liberalismo e do neo-fascismo.

As ondas de barbárie regressam, como o denunciou e previu Albert Camus:

O bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa. E nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços, por entre os papéis, ele espera, pacientemente.
Albert Camus (1947)

O ódio, instigado pelos que mandam, pode matar. Sabemos como tudo está ligado: a violência de género, o feminicídio, as várias, terríveis discriminações – de classe, de sexualidades, de raça, de etnia.

Perante o que nos cerca torna-se urgente o activismo, e quem trabalha no ensino, como na arte, precisa impulsionar o pensamento sobre as obediências a que nos obrigam, e instalar um estado de desobediência.

É isto que tenho aprendido, junto das lutas esclarecidas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em Chã das Caldeiras, no Planalto Norte, na leitura de Zimler e

de outros escritores, nas discussões abertas com os estudantes e as comunidades de Moçambique e no interior de Portugal, como de outros lugares.

Espero ter trazido um apelo a uma acção desobediente, que solte a resiliência e a insubmissão de nossos alunos e jovens, para que não reproduzam o existente, mas se mobilizem para que amanhã, possa ser outro dia.

Apesar de você, amanhã há-de ser outro dia (...)
Chico Buarque de Holanda'



Alfredo Rizutti/Estadão 1974

referências

AGAMBEN, Giorgio (2009). Nidità. Nudez, Relógio D'Água (2010), tradução de Miguel Serras Pereira

CAMUS, Albert (1947). A Peste. Lisboa, Livros do Brasil, 2018.

DIAS, João Pedro Grabato. (1976/79). '21/1/77' in SAGAPRESS, Edições

FREIRE, Paulo (1996), Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra (2004)

LARROSA, Jorge (2014). Tremores. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica.

MOLINA, Juan José Gómez (Coord.), 2003. Las lecciones del dibujo. Madri: Cátedra

MOUFFE, Chantall (2007), Prácticas artísticas y democracia agonística. Universidade Autònoma de Barcelona.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes (1999). Errantes do fim do século – São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

José Carlos de Paiva,
i2ADS/FBAUP, novembro de 2018